

REVISTA TRICERATA

ISSN: 2675-9349

Nº 10 Abr., 2022

Contos:

**JOGOS NÃO TÃO AMIGÁVEIS
AVENIDA DO FUTURO
EU AMO GRAJAÚ**



EDITORA CYBERUS

5 EDITORIAL

6 JOGOS NÃO TÃO AMIGÁVEIS
Pricila Coelho

20 AVENIDA DO FUTURO
José Júnior

35 EU AMO GRAJAÚ
Lucas Serafim

52 NOVIDADES E FUTUROS LANÇAMENTOS



A **REVISTA TRICERATA** é uma publicação independente. Ajude-nos curtindo as redes sociais da editora:



Fundador e editor-chefe

Maurício Coelho

Projeto gráfico e diagramação (capa)

Maurício Coelho

Projeto gráfico e diagramação (miolo)

Douglas Domingues

Imagem da capa

Liu Zishan / Shutterstock

Imagens do índice e página 4

Douglas Domingues + Stable Diffusion 2.1



Este número não teve revisão final, foi revisado apenas pelos próprios autores de seus respectivos textos. Caso tenha interesse em revisar voluntariamente, mande-nos um e-mail: editoracyberus@gmail.com

REVISTA TRICERATA. Vol. 2, nº10, 2022. Pode ser baixada gratuitamente no site da Editora Cyberus.

ISSN 2675-9349



EDITORIAL

A REVISTA TRICERATA CHEGOU!

Uma revista bimensal exclusivamente digital de fantasia, ficção científica e horror. A revista traz o melhor destes três gêneros da literatura fantástica em colunas e conteúdos singulares, desde entrevistas com autores a novidades da editora.

Esta décima edição traz contos do subgênero “survival game” e vão se inspirar em obras como *Battle Royale* e *Squid Game*. Boa leitura!

Maurício Coelho

Editor-chefe

JOGOS NÃO TÃO AMIGAVEIS

PRICILA COELHO

REVISTA TRIGÉSIMA

Sexta-feira! Feriado prolongado! Meio dia meu amigo me apanha na Av Paulista, partiu praia.

Porém o destino não é o final.

Era para ser, mas não foi, trânsito, carro parado, conversamos com as pessoas do carro ao lado, nada demais, nem no carro, nem nas pessoas tudo certo, tudo bem.

Mas no fundo não!

A questão é que essa viagem não foi como as outras ela mudou a minha vida para sempre, praia, casa ampla, perto do mar, descobrimos

que o pessoal do carro, estava na casa ao lado.

Churrasco, bebida, jogos, agora éramos quatro casais, solteiros jovens e com fogo nas veias, muito álcool também.

Não confie em estranhos!

Nunca confie em estranhos!

Não me lembro de quando dormi, nem de como fui parar em um barco, eu odiava barcos, me deixavam enjoada, minha cabeça pesada do álcool, estava deitada no chão, a minha volta pessoas, algumas me olhando, percebi que era a única que não estava amordaçada.

Não vi nenhum dos meus amigos, nem sabia se eles estavam ali também, todos usavam roupas iguais, um macacão cinza, antes que eu falasse, uma pessoa veio até mim, usava um macacão branco, a pessoa usava máscara de hospital e eu só podia ver seus olhos, também fui amordaçada.

Ninguém disse nada, quinze minutos depois, chegamos em uma ilha, fomos tirados do barco, uma nova pessoa chegou, uma mulher, ela usava um macacão, o dela era preto, ela também usava máscara cirúrgica no rosto.

Estávamos mais confusos que com medo, vi os meus amigos depois de cinco minutos, mas não podia ir até eles.

O nosso propósito era simples, entreter apostadores, em nenhum momento disseram que morreríamos, cada apostador escolheu um representante, no caso do meu grupo eu, cada representante ficou na areia, enquanto mostravam a nós que nossos amigos estavam bem.

Eles seriam escondidos em outra parte da ilha, nossa missão era simples, encontrar nossos amigos, como uma caça ao tesouro.

Dadas as regras seguimos com nossas mochilas e carta com instruções adicionais.

Corri até ficar sozinha, mas depois decidi andar e economizar energia, estava com fome, mas não tinha nada para comer, sentei no chão, olhei dentro da mochila as coisas que teria para meu auxílio na busca pelos meus amigos.

Uma faca pequena, uma corda, uma garrafa de água, um mapa, somente isso, não era boa com mapas, tinha um péssimo senso de direção, não sabia identificar nada ali.

Fui pelo que achei ser a direção certa, ouvi passos, me escondi em um arbusto, vi duas pessoas, conversando sobre ficar juntas, formar uma aliança.

Eram dois rapazes, eles se sentaram perto de onde eu estava, vi a cena mais horrível que já tinha visto até então, um deles disse que ia buscar água, e passou por trás do outro, indo em direção a uma árvore que ele afirmou conseguir tirar água dela, mas ao invés disso, o cara que ficou de pé cortou a garganta do cara que estava sentado usando a faquinha, eu cobri a boca para não gritar.

Aquela foi a primeira vez que eu vi alguém morrer, mas não foi a última, éramos onze pessoas na busca, agora éramos dez, o cara que matou o outro pegou as coisas dele e saiu correndo, estava paralisada de medo, olhando o corpo que ainda esguichava sangue, eu não podia fazer nada, e mesmo que eu pudesse, realmente era matar ou morrer, não era brincadeira, mas será que matar era realmente necessário?

Enfim peguei a carta novamente e descobri que ela tinha uma segunda página, não tinha notado antes pois estava muito grudada, nessa página descobri que não éramos obrigados a nada, mas que se chegássemos vitoriosos no final de tudo, além de recuperar nossos amigos ganharíamos uma ótima quantia em dinheiro, dez milhões para cada, mas isso só aconteceria se os outros participantes morressem.

Apostadores malditos!

Consegui manter a calma, dez milhões faz coisas com as pessoas, dez milhões para matar dez, bem pensamento positivo eu ainda estava viva, não sabia como teria coragem de matar alguém, eu ia me esconder enquanto desse, mas talvez não fosse o bastante.

E quanto aos amigos, eles ganhavam dez milhões para não fazer nada? Será mesmo? O que diabos eles estavam passando?

Sai de meu esconderijo e passei pelo corpo, foi estranho, mas não tão ruim como pensei que fosse, dez milhões mudariam a minha vida para sempre, e bem era matar ou morrer, não podia me sentir culpada por querer viver não é mesmo?

Caminhei com cuidado, e sem fazer barulho, não sabia como não deixar rastros, tentei não me distrair, pensando em como eu faria para matar alguém, se eu teria força para isso, se eu teria realmente coragem na hora da verdade.

Minha resposta veio em seguida!

Uma menina do meu tamanho pulou em cima de mim, ela estava em cima de uma árvore, não sei como não se quebrou toda, o impacto foi dolorido, ela tentou me golpear com a faca muitas vezes, mas eu escapei de todas, ainda não estava com minha faca em

mãos, erro meu, burrice na verdade esse deveria ser o passo que eu deveria ter seguido ao ver o que vi e ler o que li!

Consegui golpear a menina com um chute no estômago, ela ficou sem ar e eu corri, não matei, vi ela se arrastando, gemendo sem ar.

Com adrenalina pulsando no sangue, corri uns vinte minutos, nunca fui de correr, quando parei meu pulmão gritava eu estava quase sem ar como a menina, era uma dor insuportável no peito, na cabeça e por mais que eu puxasse o ar ele não entrava.

Cai no chão, sem forças me deitei, tive a noção de fazer isso atrás de uma pedra que tinha galhos retorcidos a sua volta, tentava não fazer barulho, meu pescoço doía, passei os dedos nele, um ferrão, abelha eu acho, merda eu era alérgica, eu ia morrer no meio do mato? Por causa de uma porra de picada de abelha?

Tentei respirar mas não conseguia mais, meus olhos estavam fechando eu apaguei. Quando acordei estava com muita fome e sede, me levantei com cuidado, será que tinha apagado por horas ou minutos? Peguei a água da mochila e tomei um gole.

Queria comer algo forte e gorduroso, mas não tinha nada, nem mesmo frutas, an-

dei novamente mas poucos passos, até ver o mesmo cara de antes, ele estava ferido, uma menina cuidava dele, não sabia se mais alguém tinha morrido, a menina que cuidava dele não era a que tentou me matar.

Próximo deles vi que estavam pendurados em uma árvore dois corpos, com as cordas amarradas ao pescoço.

Não tinha como me movimentar sem fazer barulho.

Eram três mortos agora, ao menos que eu sabia eram três, o que eu vi morrer mais os dois ali pendurados, então restavam oito, ou melhor sete, enquanto eu observava, vi que o cara começou a passar mal, a menina deu algo para ele comer, e pouco tempo depois vi ele convulsionando no chão, ela não estava se divertindo com aquilo, mas era matar ou morrer.

Não confie em ninguém! As regras não tinham mudado.

Esperei ela se afastar para sair do esconderijo, olhei os mortos, um cara e uma menina na árvore, não sabia se eles tinham matado, mas acredito que sim, depois olhei no chão, e vi que o cara ainda respirava, era questão de tempo até ele morrer, ele tinha comido cogumelos, tinha um pouco na mão

dele, segui meu caminho, não podia ajudar e se pudesse não ajudaria, queria viver eu ia viver, não importava como, eu não ia morrer assim!

Faria o que fosse preciso! Estava decidido!

Só faltava seis, mas eu podia ir me escondendo até ficar somente uma pessoa.

Ontem mesmo eu jamais imaginei fazer algo assim, mas agora era vida ou morte, mataria para viver, era preciso, olhei o mapa, ouvi um barulho e me escondi, três caras estavam juntos.

Unidos para matar os que restavam, três caras grandes, eu teria que tomar muito cuidado, como faria para matar aqueles caras? Como eles estavam juntos e iam matar os outros? Depois eles se matariam?

Por um momento pensei se meus amigos fariam isso por mim também, e bem sim eles faiam sim, fiquei quieta um tempo, ouvi eles falando sobre ouvir algo dos que nos colocaram aqui, como aquilo acabava de verdade, eles fingiram estar inconscientes o tempo todo, mas eles não estavam, e assim ouviram algo que enquanto conversavam eu fiquei chocada.

Nossos amigos os que foram escondidos de nós não apenas sabiam de tudo como foram obrigados a apostar em outras pessoas que não fossem os próprios amigos.

Não sabia em quem meus amigos tinham apostado, não sabia se escutaria ou descobriria algo mais, mas decidi ficar por perto.

Esperei até o início da noite, eles acamparam ali mesmo, eu estava com sono e com tanta fome, eles estavam assando um bicho qualquer, meu estômago roncava eu torcia para que eles não escutassem.

Eu estava quase dormindo quando um grito me despertou, eu ainda estava protegida, mas os caras, eles foram pegos, as duas meninas e o cara que eles planejavam matar também se uniram, somente eu estava sozinha, aqueles três, mesmo bem menores que os caras do trio fizeram um ótimo serviço matando dois deles, e eu assisti a tudo, o outro conseguiu fugir, os que foram mortos, foram mortos com facadas na cabeça, mas para garantir vi que eles abriram os dois do umbigo ao pescoço, aquilo foi nojento demais.

Fiquei olhando enquanto os três se aproximavam da fogueira e comiam os restos do animal assado, lambendo os ossos.

Esperaria eles dormirem para dormir um pouco também, agora restavam quatro.

Consegui acordar antes deles, precisava me preparar, comer, estava fraca demais, uma das meninas não estava lá, a mesma que tentou me matar, mas bem eu ficaria atenta a isso, estava tonta e mal tinha forças para ficar de pé, olhei a minha volta e como um milagre vi uma bananeira com uma penca cheia, nunca fiquei tão feliz ao ver bananas na minha vida, comi oito, estava sem comer a dois dias eu acho.

Quando fiquei satisfeita e me sentindo mais forte, pensei que eu poderia ir atrás da menina, sozinha era mais fácil, fui caminhando devagar olhando para o chão e procurei pegadas, como já tinha visto na tv, segui os pés dela, cinco minutos depois eu encontrei, ela estava de costas apoiada em uma pedra vomitando a refeição da noite anterior.

Não fiz barulho, respirei fundo, era minha chance, com a faca em mãos eu fui até ela e cortei seu pescoço com uma destreza que eu não imaginei ter, o sangue em minhas mãos me fez ter a pior sensação que já tive, ela caiu de cara na terra, não fiquei mais que o necessário ali.

Voltei ao lugar onde os outros dois dormiam, eu precisava ser rápida, mesmo tendo a pior sensação em tirar uma vida eu faria isso de novo, tinham mais três pessoas ali, e eu precisava de todas mortas para viver, meu

foco seria matar o cara, ele era mais forte para encarar acordado, então me aproximei dele com a faca, e a cravei com toda minha força em seu pescoço, eu o matei sem a menor chance de defesa, assim como fiz com a menina, matei de costas, matei um cara dormindo, agora restavam dois.

Ao mesmo tempo que eu matei o cara, a menina acordou, o sangue jorrava de sua garganta e minha faca estava presa lá, eu era um alvo fácil, a menina estava preparada para me matar, era o meu fim!

Entramos em luta corporal, ela também não estava com a faca, levei tanta porrada, não sabia que aguentava apanhar tanto, minha cara sangrava ela estava me sufocando, mas tirei forças e a chutei, e quando ela ficou sem ar chutei a cabeça dela, depois esmaguei com uma pedra, acertando diversas vezes, o sangue dela voava na minha cara e se misturava ao meu, quando eu tive certeza que ela estava morta eu sai de cima dela, tinha matado três pessoas, o rosto dela inexistente, era somente uma massa de sangue e miolos, eu não sabia mais quem eu era.

Enfim faltava uma pessoa, somente aquele cara, como eu mataria aquele cara? Ele logo saberia que éramos somente nós dois, o que eu faria agora?

Continuei andando, com cuidado, tinha

pego a faca da menina que estava escondida nas roupas dela e a faca do cara, duas deveriam bastar.

No decorrer do dia, comecei a entender o mapa eu estava perto, o cara que ainda estava vivo, nem tinha sinal dele.

Segui até ser segurada por dois daqueles dos macacões brancos, eles estavam disfarçados com roupas de folhas no meio das árvores, o grito de susto que eu dei, deve ter ecoado por toda ilha.

Os dois me seguravam com força enquanto me amordaçaram e amarravam minhas mãos, me obrigando a andar entre eles.

Logo a frente vi o cara que ainda estava vivo, mas ele estava bem machucado.

Nos colocaram lado a lado para ver um vídeo, nesse vídeo, nossos amigos, aqueles que achávamos serem nossos amigos, faziam suas apostas.

Os amigos do cara apostaram mim, meus amigos apostaram no cara, a questão era que, nossos amigos só ganhariam o dinheiro se a pessoa na qual eles apostaram ganhasse e matasse a todos, mas o pior de tudo é que todos eles, todos os amigos de todos os participantes pode-

riam colocar um final naquilo tudo, e todo mundo voltaria em segurança, mas eles não quiseram isso, eles somente pensaram nos milhões.

Eu e o cara estávamos chocados, porem agora no final podíamos revidar isso, se nos recusássemos a matar um ao outro, nós ganharíamos o dinheiro e os “amigos” aprenderiam uma lição.

Bom apenas com o olhar chegamos a esse acordo, não nos mataríamos! Eles que provassem do próprio veneno.

Novamente fomos apagados e levados a praia, mesmo lugar de onde nos tiraram, o cara também estava hospedado bem perto, tudo foi premeditado, os apostadores tiveram sua diversão, e eu e o cara nossos milhões e novas cartas de como agir, nossos amigos foram dados como perdidos e um acidente de escuna em alto mar, nunca soube o que houve de verdade com eles, se estão vivos, se estão sendo escravizados pelos apostadores milionários.

Eu e o cara acabamos nos tornando amigos, acho que agora eu tinha um amigo de verdade, se passaram dois anos, e bem eu fiz coisas que não imaginava nunca fazer na minha vida.

Da noite para o dia, perdi três amigos que não eram amigos, me tornei assassina de três pessoas e fiquei milionária, tudo isso, bem em dois dias, agora estou aqui tomando um café com esse amigo, o cara que eu não matei, mas sinto que isso ainda não acabou, esse jogo, enfim um novo capítulo está por vir!

Pricila Coelho é autora do livro *As crônicas de entre nós e O anjo*. Participa de diversas coletâneas e antologias.

Instagram: [@prisnowwhite](https://www.instagram.com/prisnowwhite)

AVENIDA DO FUTURO

JOSÉ JÚNIOR

**“Eu vivo em uma insanida-
de”** Essa foi a primeira coisa que Juliano pensou quando acordou naquele dia tão especial. “Eu vivo em uma insanidade e é muito provável que eu morra hoje”, completou o pensamento terminando de abrir os olhos. Com 15 anos, o rapaz estava no ápice da adolescência e tudo parecia ser o fim do mundo.

Na verdade Juliano vive em uma cidade de médio porte que conseguiu sobreviver ao mundo moderno líquido. Líquido porque

tudo escorria pelas mãos, principalmente as relações sociais, mas depois a própria vida virou algo que ninguém conseguia segurar por muito tempo. A tecnologia ajudou a manter a cidade em pé. Muita gente perdeu o emprego para robôs.

Os robôs tomaram conta do mundo e dos seres humanos, mas, apesar disso, a humanidade ainda levava uma vida quase normal: estudo, trabalho, momentos de lazer, tudo como sempre deveria ter sido. Assim queria Napoleão.

Napoleão é a máquina que comanda a cidade. Os robôs vivem abaixo da terra, um conjunto de números binários conectados a tudo e a todos que vivem na superfície. Uma consciência inteligente que é onipresente, onisciente e onipotente, o novo deus. Ele tem um perfil no “VittaBrevis”, a rede social criada por Napoleão para poder vigiar a todos. E todo ser humano já nasce seguindo seu perfil. Sim, ao nascer nos dias de hoje todo ser humano já nasce com um perfil no VB, onde são postadas fotos, vídeos e seu almoço do dia, todos os dias, do nascimento até a morte, mas esta rotina não é muito diferente dos tempos líquidos.

Juliano terminou de tomar banho e foi se juntar a seus pais para o café da manhã. Eram 6 da manhã e o dia prometia ser corrido. Algo que ele percebeu na última semana, desde que recebeu a convocação para o evento, foi que a relação com sua família se estreitou bastante. Ele sentiu um amor misturado com desespero tão forte nesses últimos dias. É como se a morte anunciada fosse um remédio para o estreitamento dos laços familiares.

Às 06:45 da manhã os participantes estavam na praça Lions. Já há 28 anos que o evento acontece e sempre é sorteado um grupo de pessoas, desta vez, uma turma de 3º ano do ensino médio, para participar de uma competição surpresa. Os sorteios são realizados de forma aleatória, assim falam os organizadores (que são os robôs, é claro).

A praça Lions tinha este nome por ter uma estátua de um leão em seu centro. Juliano se despediu de sua família, que se alojou em uma arquibancada, e entrou na praça, a qual estava cercada por grades especialmente para a festa deste ano. Dentro do espaço encontrou com vários de seus amigos, todos

vestidos com o uniforme de educação física da escola. Ao entrar, todos passaram por um scanner onde o chip que já havia em suas cabeças foi reprogramado sem nenhuma explicação aparente por parte dos organizadores.

Um telão gigantesco foi projetado no ar, acima da praça, por quatro drones que voavam e um homem, na verdade o robô que sempre apresentava os jogos anuais, começou a falar.

— Bom dia a todos e todas! É sempre uma grande emoção estar presente neste momento tão especial onde vocês nos proporcionam tanta alegria para que possamos viver mais felizes. — Falou sem esboçar nenhum sentimento, mas assim que percebeu, começou a sorrir e deixou uma lágrima cair de seu olho esquerdo. — Conseguiram adivinhar a prova deste ano?

Muitas pessoas nas arquibancadas erguiam o celular para filmar tudo. Ou tirar selfies com o apresentador ao fundo. Muita gente estava fazendo lives mesmo sabendo que toda a programação era transmitida ao vivo para toda a cidade. Gritos de “vôlei com uma bomba” ou “futebol sangrento” ecoavam alegremente na plateia.

— Vocês são maravilhosos! — Falou o apresentador tentando esboçar uma gargalhada sem sucesso. — Como todos podem ver, nossos participantes estão dentro da Praça Lions, um símbolo da sagacidade e da excentricidade desta cidade. E a Praça é exatamente o início da nossa Avenida do Futuro! A principal avenida da cidade que nos fornece além de todas essas lojas, o acesso à saída da cidade através de três pistas de cada lado do passeio principal, o qual vocês costumavam usar para fazer caminhadas e corridas. Isto antes da avenida virar o local com mais acidentes automobilísticos da história desta linda cidade.

— E aqui vão as regras do jogo. — Começou o apresentador. — Primeiro e mais importante, o chip de vocês, meus queridos competidores, foi reprogramado e agora, além de nos mostrar o que vocês estão pensando e o que vocês veem, ele também vai explodir se vocês descumprirem as regras. Só para acalmar vocês, o que vocês pensam continuam sendo confidencial, eu juro! Já o que vocês veem será transmitido para as nossas redes sociais e neste telão em que vos falo agora.

Neste momento, quarenta e cinco telas menores flutuavam no ar ao redor do telão em que o apresentador falava. Essas telas mostravam em cada uma o nome de um competidor e a visão dele ou dela naquele exato momento.

— Segundo e não menos importante, vocês vão participar de uma corrida. Podem usar o passeio, que já é próprio para a corrida, mas também podem usar as pistas. Só aviso que os carros poderão atropelar qualquer um que colocar os pés no asfalto.

— Vocês já sabem que apenas um de vocês poderá vencer a prova. Por isso, prestem bem atenção, não é permitido parar de correr! O Chip na cabeça de vocês irá explodir se a velocidade for abaixo de 6 Km/h! Isso quer dizer que, no máximo, vocês podem trotar levemente.

— Nós queremos que a competição seja a mais animada possível, então, no meio do caminho vocês poderão se deparar com armas e outros brinquedos para usar em seus colegas e garantir que você seja o único vivo da competição. Pode empurrar seu amigo na pista. Pode bater, chutar e arranhar, nós estimulamos que façam

mesmo isso, só não pode PARAR DE CORRER! A corrida terá o percurso de 42 km, ou seja, uma maratona! Espero que vocês tenham treinado.

Juliano percebeu que nenhum deles conseguiria cruzar a linha de chegada. A prova tinha sido feita para ser uma carnificina durante todo o percurso até que somente um terminasse vivo.

As grades da praça se abriram com um forte estampido antes mesmo que os competidores tivessem tempo de se despedir uns dos outros e a corrida começou. O leão, que antes era só uma estátua, ganhou vida mecanicamente e desceu de seu pedestal rugindo e “incentivando” os competidores a começarem a correr. Juliano disparou com mais cinco competidores sem olhar para trás e logo estavam no passeio correndo.

Três explosões vieram da praça e três telas que flutuavam ao lado do telão foram marcadas com um grande X vermelho. No telão central as pessoas tinham a visão geral e aérea da prova que iniciava.

Uma competidora (nº 5), ao longo da

prova, corria com sua amiga (nº 22) do lado. As duas decidiram correr juntas e morrer juntas. Sabiam que não terminariam a corrida. Viram um menino (nº 8) tentando correr o máximo que podia. Ele chorava ao perceber que perdia velocidade e começava a andar. A nº 5 olhou para trás quando ela e sua amiga passaram, também chorando, por ele. Ela viu o exato momento em que a cabeça de seu colega de classe explodia e o corpo caía no meio da passarela.

Juliano trotava com o cuidado para não ficar abaixo dos 6Km/h. Ouviu várias explosões enquanto seguia seu caminho. Os carros passavam buzinando em alta velocidade a poucos passos de distância ao seu lado. O rapaz pensou mais de uma vez em parar de correr ou se jogar na pista, mas queria sentir um pouco mais de como é estar vivo.

Logo a voz do apresentador soou em toda a cidade: — Queridos competidores, passaram-se 90 minutos de prova, apenas, mas 15 colegas de vocês já se foram. Esmagados, atropelados ou com a cabeça explodida porque pararam de correr, porém ninguém nos deu a alegria de ver um de

vocês matar um coleguinha. Por isso vamos dar um incentivo para que isso aconteça.

Drones velozes sobrevoaram a Avenida do Futuro e se aproximaram de cada competidor. Cada drone deixou cair um objeto.

— Agradeçam a seus familiares. Cada presente foi dado por eles de acordo com o que eles podiam pagar.

Juliano viu uma pistola ser atirada no chão pelo drone e não pensou duas vezes antes de pegá-la. Agora ele poderia atirar na própria cabeça quando chegasse a hora. Também não pensou muito ao começar a aumentar a velocidade. Queria saber até onde ele conseguiria correr antes de puxar o gatilho.

O competidor nº2 corria com um objeto arredondado na mão direita. Um pouco mais a frente ele via um rapaz (nº29) e uma moça (nº37) brigando enquanto corriam lado a lado. O 29 estava com um facho tentando acertar a 37, que se defendia com uma espada curta. Ambos perdiam velocidade. O rapaz tinha um olhar louco e gritava. A moça também tinha um olhar

louco, todos começaram a ter esse olhar no momento que aconteceu a primeira explosão. Mas no caso da garota, ela não gritava. E isso causava mais medo ao nº2. A outra explosão aconteceu quando a 37 conseguiu, entre uma defesa e outra, ser atingida no pescoço, onde o facão ficou preso, e parou de correr. O 29 perdeu o facão, ficou salpicado de sangue e massa cefálica, continuava vivo e gritava ainda mais, mas não parou de correr.

Tiros podiam ser ouvidos, competidores que receberam granadas jogavam na pista e a explosão fazia carros capotarem e explodirem. Competidores tropeçavam em partes irregulares da passarela e eram atropelados pelos carros. Uma menina suja de sangue corria gargalhando com uma faca na mão até pisar em uma mina terrestre e explodir em pura loucura. Explosões e mais explosões. As redes sociais estavam em pandemônio, as pessoas postavam querendo mais, os familiares nas arquibancadas choravam pelos seus filhos, irmãos e irmãs, mas por um breve período. Logo eles começavam a postar a tristeza nas redes, as curtidas faziam o papel do luto.

As duas amigas, 5 e 22, continuavam correndo juntas. Juliano estava a 20 metros atrás delas. Ele ainda queria sentir o máximo dessa loucura antes de tirar a própria vida. Sabia que as meninas na sua frente também não entrariam nesse jogo maldito de matar ou morrer. Em certos pontos eles precisavam correr pela pista, muitos corpos sem cabeça estavam tomando conta de todo o espaço de correr ou então o passeio tinha sido destruído por alguma arma explosiva de algum competidor. Por pouco a garota nº 22 não foi atropelada, sendo salva por sua amiga no último segundo.

Juliano estava começando a levantar a arma para a própria cabeça pensando “eu vou morrer, eu vou morrer” quando o apresentador voltou a aparecer no céu da cidade e falou com voz solene: — Só restam cinco de vocês, competidores. E para comemorar, a produção me falou aqui pelo retorno que o prêmio para o vencedor ou vencedora vai ser que você e toda a sua família serão livres de todos os eventos futuros, terão lugar especial na arquibancada e ainda ganharão uma conta premium no VB!

“Eu vou viver”, pensou Juliano mudando a postura e logo uma pequena explosão a sua frente o fez voltar para a competição. A explosão veio da garota nº 22. Depois da notícia do prêmio para o vencedor, as duas garotas esqueceram o que era amizade, ninguém mais queria morrer, faltavam apenas 4 deles para matar. A nº 5 usou sua arma, um aparelho que controlava um drone por voz, e deu o comando. Até aqui a riqueza trouxe vantagens na hora de decidir quem ficaria vivo. O drone rapidamente começou a retalhar sua amiga com suas hélices afiadas. A nº22 tentou jogar suas estrelinhas de ferro, mas sem sucesso acabou caindo na pista e sendo atropelada.

Juliano aumentava a velocidade e apontava a pistola para a nº5. Um tiro que passou longe chamou a atenção da garota e logo o drone vinha para cima causando um corte no braço esquerdo do rapaz. Pensando na possibilidade de morrer tão perto da vitória, Juliano disparou a queima roupa no drone que tentava arrancar seu braço, no terceiro tiro o drone caiu. Ao acelerar, o rapaz se aproximou da nº5.

— Eu posso comprar a nossa vitória! A vitória de nós dois! — Disse a garota sorrindo e chorando ao mesmo tempo.

Juliano não olhou diretamente para o rosto dela quando disparou. O tiro pegou no olho direito da menina, que foi jogada para trás. Antes de cair na pista um carro se chocou contra seu corpo, transformando a garota em uma explosão de carne e roupas pelo ar.

O competidor nº2 ouviu os tiros e explosões vindos atrás dele e olhou para ver o que tinha acontecido. Na sua frente, o nº29 corria enlouquecido com um pé na passarela e outro na pista, ele não seria problema logo mais. Pensando rápido, o garoto jogou o que vinha segurando na passarela atrás de si e começou a correr com força.

Juliano correu também, apesar de estar a alguns metros de distância atrás do garoto. Respirou algumas vezes diminuindo um pouco a velocidade e mirou. A cabeça do nº2 foi atingida e seu corpo caiu rolando no passeio. Alguns segundos depois sua cabeça explodiu. “Agora só falta um”, pensou Juliano vendo, ao longe na sua frente, um garoto correndo fazendo zigue-zague entre a passa-

rela e a pista, os carros buzonavam tentando atropelá-lo.

Juliano deu seu máximo na corrida enquanto pensava “eu vivo em uma insanidade, mas por mais insano que pareça, eu quero continuar vivendo”. Ele pisou em alguma coisa no chão e não teve muito tempo para olhar para baixo, porque logo em seguida ele, o chão a sua volta, a pista ao seu lado e os carros que estavam passando por ali naquele momento explodiram em um clarão. O competidor nº2 tinha jogado suas minas produzidas por alta tecnologia na esperança de que Juliano pisasse nelas antes de atirar.

A explosão foi seguida por fogos de artifício por todo o céu da cidade. O jogador nº29 era o vencedor, os destroços da explosão caíam ao seu lado, mas ele parecia não perceber, apenas corria e gritava sem parar. Ele não parecia ter entendido que tinha vencido a prova, mesmo quando todos os drones começaram a sobrevoar por cima dele com mensagens de “vitória”, “parabéns” e “você venceu”.

Os carros começaram a não tentar mais atropelar o menino. Nas arquibancadas uma

mistura de choro e aplausos. Várias famílias começavam a sair e apenas um homem e uma mulher, o pai e a mãe do nº29, se abraçavam também chorando. Eles iriam usufruir do prêmio, já o nº 29 talvez não tivesse mais noção de que a vida dele se tornara uma completa insanidade.

José Júnior é natural de Arapiraca, AL. Ele é escritor, arquiteto e professor.

EU AMO GRAJAÚ

LUCAS SERAFIM

Tinha amor aqui, sei bem porque já o senti: já amei, fui amado e tento ainda amar. Está sendo difícil (é um fato), assim, antes de morrer desejo documentar uma verdade e a verdade que trago é: o poeta se equivocou, existia amor em SP, no Grajaú, para mais além, arte. Antônio e eu íamos ao antigo Centro Cultural, pois um ex-colega de Antônio guardava uma pistola no armário e carecíamos dela, estávamos tempo demais escondidos, por isso não tínhamos chancela: a Nova Casa de Bragança gostava de carnificina e sexo, nos

dois, infelizmente, não os ofertamos, eu até tentava criar um clima, transar, mas quem sentiria vontade numa situação daquela?

— Todas as áreas a cinco quilômetros da Belmira estão bloqueadas.

Comprimi meus lábios, numa tentativa falha de umedecê-los.

— Ei, ouviu o que eu disse? Presta atenção!

— Desculpa, Antônio, não tô conseguindo me concentrar em nada agora.

Colocou a mão sob meu queixo e passou o polegar em minha boca, depois, fazendo uma pinça com os dedos, arrancou a pele dura de meus lábios.

— Doeu.

— Desculpa — abraçou-me —, não chora, tá? Vamos nos arranjar.

Eu sabia sobre a escassez de nossos tickets, por quanto tempo mais ele manteria a personagem? Eu estava nos braços dele, aparentemente bem, mas (confesso) queria esmurrá-lo (cala a boca, você acha que eu sou uma criança? Vamos morrer aqui!), se eu não estivesse tão fraco, poderia até começar uma

discussão: daria audiência, que daria engajamento, que daria chancela, que daria tickets, que eu poderia gastar com água e carne que prolongariam minha vida até alguém mais forte nos matar. Meu Deus, posso aceitar minha morte, não a de Antônio.

— Não chora, amor.

— Quero morrer — sussurrei, achando-me inaudível.

— Não fala isso — colocou-me em posição que lhe permitia enxergar meu rosto pendente —, pelo menos você tem que sair vivo daqui.

Largou-me, vasculhou sua mochila (deixe-o se não o ama, era o lema da Nova Casa de Bragança bordado nela), encontrou um ramo amassado daquela planta nojenta de dentro do bolso principal.

— Esse troço sebooso de novo, não!

— É só o que a gente tem, Alex. Coma — enquanto tentava engolir aquele mato, ele pensava em voz alta, com o mapa aberto no chão — a cada noite, sempre às oohoo, eles restringem dois quilômetros de distância da avenida Belmira.

— Então, à meia noite de amanhã, não temos mais como nos esconder — o bolor de folhas que engoli entalou na garganta.

— A tática de ficar quieto nessas casas já era —, mas já sabíamos que pouco duraria.

Minha mão que segurou o talo de folhas perdeu a força em sua tremedeira, derrubei-o.

— Você sabe que uma hora vamos ter que fazer, não sabe? — falou tocando meu joelho.

Alcancei o canivete automático em meu bolso, revelei a lâmina a poucos centímetros de meu pescoço:

— Não precisamos.

— Já disse pra parar com isso — arrancou o canivete de mim como se fosse levar meu braço junto. Guardou a lâmina no cabo e foi à janela bloqueada com tábuas, escondia o rosto com o bíceps. Minutos depois voltou para perto de mim, abraçou-me, sua voz estava trêmula — perdão. Você sabe meu desejo, se fizer isso, tudo terá sido em vão — deu uma última olhada no canivete, lendo o entalhe: Ernesto Fernandes, pai querido.

Puxei o canivete de volta, contudo não o impediu de relembrar:

— Foi injusto.

Ouvimos um ruído, ele pegou a peixeira enferrujada pendurada em sua cintura e ficou ao lado da porta, agarrei meu canivete e fui para trás de uma das colunas.

“Atenção, Jovens Casmurros”, anunciou uma defasada voz masculina, como se tivessem lhe tirado toda a vontade de existir; no entanto, fazia-se parecer animada.

— Parece aquele cara do jornal — Antônio rememorou — acho que era alguma coisa Azevedo.

— Impossível, esse aí era do mesmo espectro deles.

“[...] pois é com muita honra que a Nova Casa de Bragança (NCB) e a Aliança do Novo Empresariado Nacional (ANEN) anuncia que a primeira fase d’O Martírio de Purificação e Redenção da Juventude Transviada Paulistana (MPRJTP) chega a sua reta final. Agora restam apenas cinco jovens guerreiros teimosos no distrito do Grajaú e três jovens valentes no distrito do Capão Redondo. Lembrando que para a grande final, apenas um de

cada distrito será classificado, dessa forma, a primeira fase só chegará ao fim quando restarem vivos dois jovens de cada localidade. Boa sorte aos Jovens Casmurros, que Deus abençoe a NCB e a ANEN e que seja prospera a República Oligárquica dos Estados Unidos do Brasil.”

Logo após, uma melodia animadíssima tocou e por cima do áudio uma ousada voz feminina ofertou:

“O MPRJTP é um oferecimento de ‘Açaí Soda’, o soft drink perfeito para dar aquele break na rotina do jovem brasileiro.” Encerrou-se com o chiado de gás escapando de uma garrafa recém aberta.

Antônio relaxou jogando-se na parede ao lado e permitindo-se escorregar devagarinho até o traseiro tocar o chão. Guardei meu canivete e sentei num balde de tinta velho ao lado da coluna, encaramos um ao outro, Antônio e eu. Ele começou a rir:

— Poxa, pra confundir o som de um autofalante velho com passos, tem que tá com uma fome foda mesmo.

Esbocei um sorriso; apaguei-o logo, algo estava errado. Senti a casa velha onde

estávamos girando, a imagem de Antônio começou a embaçar e seguido disso, tudo escureceu; porém, continuei consciente segundos suficientes para ouvir Antônio manifestar preocupação por mim.

Despertei. Na realidade estava num ponto entre o dormir e o acordar, sabia que estava acordado, contudo, a fraqueza da fome e da sede me impedia de abrir os olhos e valer meus sentidos. Pouco tempo depois comecei o processo de recuperar a consciência, percebi que meu corpo estava envergado como a lâmina de uma foice e de barriga para cima, balançava como se estivesse em movimento. Minutos mais tarde o balançar parou, senti uma brisa gelada (talvez fosse chover), mãos quentes cobertas por um viscoso frio apertaram minhas bochechas para sobressaltar meus lábios. Uma corrente fina de água inundou minha boca e desceu pela garganta, depois voltamos a nos mover e adormeci.

Acordei na mesma posição, dessa vez parado. Consegui abrir os olhos, pisquei várias vezes para sentir as lágrimas voltando aos meus globos oculares, minhas costas e axilas tornaram a suar. Antônio passava um

pano áspero em minha bochecha direita, fi-tei-o com um sorriso. Ele não esboçou alegria ao me ver acordado; ao contrário, seus olhos se encheram de lágrimas, o nariz escorreu tanto que o catarro pingou. Foi a primeira vez que o vi chorar (a última também); em seis anos de relacionamento; em seis anos de destruição; em seis anos perseguição; em seis anos de derrotas, Antônio jamais chorara em minha frente.

— Tô bem agora, você encontrou água — avisei com a voz um pouco rouca, mas ele não parou de chorar e foi quando levou as mãos ao rosto que entendi — o que é isso em seus dedos?

As mãos dele estavam sujas de sangue, as vestes tão encharcadas quanto e segurava uma quantia mínima de tickets verde e amarelo. À esquerda da cintura, sua velha peixeira continuava pendurada, à direita, uma pistola. Saí daquela posição, surpreendi-me ao descobrir que estava estirado sobre as costas de uma mula.

Eu queria olhar para cima e gritar “porra!”: contive-me, voltei-me para a mula. Pendurado nela, um saco de pano com garrafas e embalagens plásticas.

Antônio foi ao chão, estava incontrolável. Recorri aos sacos de pano, entre um mundo de garrafas de água mineral encontrei um pequeno frasco de vodka “dose única”, na letra miúda.

Fi-lo engolir tudo, acalmou-se na hora. Com um pouco mais de paz para pensar, reparei, enfim: estávamos no meio da avenida Belmira Marim, expostos ao inimigo.

Inverteram-se os papéis: peguei Antônio pelo pulso e ele veio como uma criança birrenta, a mula puxei pelas rédeas. Estávamos perto do Terminal Grajaú, o qual julguei como um esconderijo óbvio e ruim para além dessa primeira circunstância. No lado oposto da avenida, há dois quarteirões antes do terminal, no sentido bairro, havia um bar cujo portão tinha a proteção reforçada. Sabia disso porque há cinco anos fui cliente. Assim que chegamos ao bar reconsiderei a possibilidade: tinha uma máquina de tickets ali. Não fosse o estado de Antônio e nossa exposição, teria procurado outro lugar.

Quebrei uma brecha do vidro da porta, girei a chave. Estava escurecendo, uma luz dourada entrava. Passei a mão numa cadeira

da mesa número um, como que acariciando um animal, acomodei Antônio nela.

— Bebe uma água — substitui os tickets em sua mão pela garrafinha —, não saía daqui.

Coloquei os sacos de pano no chão, liberei a mula dos arreios e da cela, levei-a dali. Caminhamos por cinco quarteirões, depois dei-lhe um tapa no traseiro, a coitada saiu em disparada, sedenta pela liberdade que eu não provaria tão cedo.

Tinha seis tickets, antes de entrar no bar, inseri cinco deles na máquina. Comprei uma camiseta e um short para Antônio, acrescentei uma barrinha de chocolate recheado com coco e duas marmitas. Saíram todos juntos pela abertura inferior, agarrei a barra de chocolate e a devorei. Enquanto tentava mastigar o exagero de doce sobre a língua, peguei o último ticket para saber quais eram nossos padrinhos.

“O Grupo Unificado dos Bancos ANEM tem a honra de ser o principal padrinho da esforçada Clarisse Clellam — O Grupo Unificado dos Bancos ANEM defende a sua individualidade.” Vomitei todo o chocolate na hora.

Quando entrei, Antônio estava sentado no balcão de mármore, a pistola engatilhada em uma mão e uma fotografia em outra.

Deixei as compras numa cadeira, com exceção de uma marmita. Abri-a, levei uma colher à boca dele:

— Coma!

— Por que deixou isto comigo? Não teve medo que eu pudesse fazê-lo?

— E eu não conheço o meu noivo? Sei que não me deixaria à própria sorte — fez uma careta e logo seu rosto avermelhou-se — eu já sei de tudo, descobri pouco antes da captura — não podia usar essa expressão, poderia afastar (ainda mais) os padrinhos.

— Como descobriu?

— Eu arrumava a bagunça que você fazia no guarda roupa, se esqueceu, cabeção?

Ele pareceu se incomodar com o meu sorriso, então, avisou:

— Agora só faltam quatro.

— Quem você matou?

A pergunta foi mais agressiva pela for-

ma que a fiz, do que pelo seu conteúdo. Ele se recuperou do choque e falou:

— O namorado de Clarisse Clellan. Acho que você a conhecia.

Fiquei desorientado, as pernas amoleceram:

— Ela era professora na universidade.

Deixei a marmita abandonada no balcão e apoiei-me na mesa número um.

Com palavra nenhuma, Antônio me ofereceu a fotografia, tomei-a: estávamos eu e um senhor de cabelos grisalhos, sentados à mesa com um litrão no centro, o calendário na parede apontava ser o registro de um domingo. Escapou-me uma lágrima, de braços deitei sobre a número um. Peguei o canivete em meu bolso, “Ernesto Fernandes, pai querido.”

Antônio fez conchinha em mim, sussurrou ao meu ouvido:

— Sou um assassino, agora.

Deslizei meu dedo pelo fio da lâmina.

— E de quem foi a escolha, Antônio? Pode me chamar de egoísta, pois tenho pensado mais em minha solidão e dói admitir

isso; mas, que tínhamos uma segunda opção, tínhamos.

Fiquei surdo do ouvido direito e senti uma dor enorme. Repentino fora, pois não pude compreender a sucessão dos fatores, fiquei surdo; senti dor; depois vi um pedaço de minha orelha no chão, numa poça de sangue. Antônio me empurrou para trás do balcão, logo, escutei com o ouvido esquerdo o som dos tiros, um após o outro.

— Provavelmente é uma pessoa só, acho que usa pistolas — tirou a camiseta suja e colocou-a sobre meu ouvido.

A porta cedeu com um estrondo.

— Saí daí, desgraçado — era uma voz feminina.

— Clarisse — sussurrou Antônio.

Ele sacou sua pistola, assim que a engatilhou, Clarisse atirou contra o balcão.

— Assim não dá — murmurou, pude ver a umidade num brilho dourado fluir em seu peito nu.

Toquei seu ombro rijo com meu queixo, beijei-o. Depois fiz nossas testas se tocarem.

— Você não é um assassino — (era só

um rapazinho apaixonado e crente na concretização de uma versão mais nobre de si).

Clarisse parou de atirar, estava ofegante, segundos depois, veio-lhe outro acesso de raiva e tornou a apertar o gatilho, sem método. Quando a munição acabou e ela teve de recarregar a pistola, Antônio se ergueu. Enquanto ele levantava, deixei meus dedos escorregarem pelos gomos de seu abdômen vigoroso, tinha medo de vê-lo desabar morto.

Ele pulou o balcão e deu o primeiro tiro, acertando-a.

Clarisse berrou. Em sua queda deu o disparo cuja bala atravessou a canela de Antônio. Inabalável, ele se levantou, segundos depois de cair sobre seus próprios joelhos, e mancou até Clarisse. Fui atrás.

As mãos esguias de Clarisse tentavam estancar o sangramento em seu ventre, ela tentava chorar, mas estava tão desidratada que não tinha lágrimas nos olhos.

— Eu sinto muito, só que também tenho a quem proteger — Antônio justificou, ao passo que Clarisse, com um esforçado sorriso sobressaindo-se à dor, apenas respondeu sem emitir som “eu entendo”.

Saí o mais rápido possível dali, com o coração na mão. Fechei a porta do bar e em seguida ouvi a anúncio do ato do carrasco.

Meu ouvido me mataria em breve, por isso recorri à máquina de tickets, gastei o último com uma caixinha de antibiótico.

No bar, Antônio cobriu o corpo com uma toalha de mesa, fomos juntos à dispensa onde encontrei uma caixa de ferramentas com um ferro de solda, usamo-o para estancar a ferida de minha orelha e na canela de Antônio.

Quando saímos definitivamente dali, encontramos a mula na porta principal do bar. Cheguei a acariciá-la, mesmo zangado:

— Eu te dei a liberdade, sua mula! Por que voltou aqui?

Antônio consultou nossos nomes na máquina de tickets:

— Veja só, agora temos chancela.

Cheguei por trás apoiando minha cabeça sobre seu ombro, questionei:

— Seria correto usá-los?

— Tem que comer bastante pra recuperar suas forças... você tá tão magro.

— Eu tô bem, cabeçaço.

Usamos a mula para nos locomover, pois já não tínhamos preocupação de sermos vistos. Antônio conduzia, eu ia atrás, abraçando a cintura nua dele, a sentir o cheiro de seu corpo suado.

Passamos na antiga entrada do distrito, não precisávamos mais ir ao Centro Cultural. O limite estava sublinhado por uma cerca elétrica e um corpo de soldados em armaduras pretas, no centro, o letreiro antigo “Eu ♥ Grajaú”.

Do lado oposto à entrada, vinha uma silhueta masculina com um machado em mãos. Antônio agarrou meu pulso sobre seu colo:

— A hora chegou.

Mirei aquela figura ao longe numa paz que sequer entendi no primeiro momento. Quando a realidade veio à tona, apertei ainda mais a cintura de Antônio, a sussurrar em seu ouvido, como uma despedida:

— Fomos verdadeiros, cabeçaço: a reali-

dade agiu sobre nós com tamanha crueldade e, apesar dela, nada mudou. Ainda que o pior aconteça, este saber será a minha riqueza.

Lucas Serafim mora em Grajaú, SP. Ele é estudante de Letras. Mantém-se firme conciliando o trabalho numa perfumaria com seus estudos e escritas.

NOVIDADES E FUTUROS LANÇAMENTOS

Nosso podcast *Território Cyberus* está disponível nas principais plataformas de áudio. Caso tenham alguma sugestão de assunto que vocês queiram conversar e/ou ouvir manda pra gente! Como sabem, estamos sempre correndo atrás de conteúdos novos.

Fizemos uma tentativa de lançar a **Associação Brasileira de Ficção Científica e Fantasia (ABFCF)**, porém, eu, Maurício Coelho, estou sem tempo para continuar o projeto. Apesar disso, você pode conhecer a ABFCF [clikando aqui](#).

Queremos pedir desculpas aos apoiadores dos projetos *Amazofuturo*, *FOLK* e o livro inédito da Clare. Já era para vocês estarem com os livros em mãos, porém houve um atraso enorme. Garantimos, como sabem, que valerá a pena aguardar um pouquinho mais.

Para este mês de abril, lançamos a campanha tudo-ou-nada *Amazônia Assombroso* Catarse. Confira.

É isto, pessoal. Obrigado novamente por ter lido até aqui e nos vemos em breve!